

# A Cultura e Suas Fontes

Vera Rudge Werneck

## RESUMO

O artigo propõe uma reflexão sobre o conceito de cultura. Conceitua "cultura" como o produto da instauração de valor na natureza pela ação humana e considera-a originária de duas fontes: o imaginário, que levaria ao agir espontâneo e descompromissado com a razão, e a inteligência e a sensibilidade, que mobilizariam a vontade livre do homem. Analisa, de início, o papel do imaginário na produção cultural e, em seguida, a que resulta do ato voluntário. Passa então a refletir sobre o conceito de "cultura" mostrando que ela só pode ser considerada como tal quando for agregado à natureza um valor e não um contravalor, procurando estabelecer um critério para a avaliação do progresso da cultura. Finaliza constatando a necessidade da redefinição do conceito de "cultura".

**Palavras – chave:** Cultura – Valor – Ação humana – Imaginário – Vontade – Redefinição.

## INTRODUÇÃO

É sabido que as línguas vivas estão sempre em mutação. No mesmo idioma as significações dos termos variam conforme o lugar e o momento em que são utilizados. Acontece assim, também, com o termo "cultura", que ao longo do tempo foi conceituado de diferentes maneiras e está agora em discussão como um novo e riquíssimo paradigma que muito pode servir ao aperfeiçoamento da vida do homem.

Proveniente do latim *cultura*, lavoura, cultivo dos campos, tomou posteriormente o significado de instrução, conhecimento adquirido. Derivado do latim *colere*, cultivar, cuidar de, tratar, contrapôs-se sempre a *natura*, natureza, ordem estabelecida pela natureza, curso natural das coisas, do grego *physis*. Crê-se que as formas românicas adotaram de início a acepção de lavoura, cultivo, para passar posteriormente, por uma associação de idéias, à de instrução,

**Vera Rudge Werneck**

*Doutora em Filosofia,  
Universidade Gama Filho*

*Professora da  
Pós-Graduação em  
Educação, Universidade  
Católica de Petrópolis,  
RJ*

conhecimentos adquiridos. Com o tempo, "cultura" passou a significar o acervo intelectual e espiritual da humanidade ou de um povo em particular.

Pode-se ainda entender a cultura como o conjunto de fenômenos materiais e ideológicos que caracterizam um grupo étnico, uma nação ou um grupo social. Seria a denominação dos sinais característicos do comportamento de uma camada social (linguagem, gestos, vestimentas etc. ...), que a diferenciam das outras.

Há ainda os que como Laloup - Nélis diferenciam cultura e civilização. Para eles, "pode-se dizer de um homem que é culto quando, pessoalmente, fez um esforço de humanização e civilizado, quando participa de um nível coletivo de humanização. Porque, não somente a palavra civilização implica valores materiais, como também evoca dimensões comunitárias. Na prática, entretanto, será inútil separar as duas acepções." (*Laloup & Nelis, 1966, p. 21*)

A nota constante na conceituação de "cultura" parece ser a exigência da interferência humana na natureza. A modificação do estado natural pela ação humana. Enquanto a natureza existe independentemente da ação humana, a cultura é o resultado do agir humano transformando a natureza.

A aplicação do termo "cultura" às sociedades humanas data dos últimos séculos, quando adquiriu a idéia de aperfeiçoamento, de conjunto de atributos e produtos resultantes do pensamento humano.

O sentido moderno do termo, já datando do século XIX, não faz mais referências ao processo ou grau de refinamento. Refere-se a um estado ou condição algumas vezes descrito como extra-orgânico ou superorgânico partilhado por todas as sociedades humanas embora diferente em cada uma delas.

Em 1871, o antropólogo britânico Burnett Tylor na sua obra *Primitive Culture* dá pela primeira vez uma definição formal e explícita do conceito: "cultura ou civilização é o complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crença, arte, lei, moral, costume e muitas outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade." (*Tylor apud Cultura, v.7, p. 3107*)

A partir de Frobenius (1898) e especialmente com Spengler (1918) a cultura foi entendida como nível autônomo, como um superorganismo, como um elemento distinto e independente da ação humana permitindo a compreensão de que seu dinamismo surgiria de forças independentes, autopropulsivas que a constituiriam.

A escola evolucionista focaliza especialmente o "traço cultural", ou seja, a unidade de comportamento comum a todos os membros de uma sociedade e, a partir deste critério, analisa o seu desenvolvimento.

Franz Boas define a cultura como "a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos componentes de um

grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu meio natural, a outros membros do grupo, e de cada indivíduo em relação a si mesmo." (Franz Boas *apud Cultura*, v.7, p. 3108)

Para Malinowsky (1975), a cultura seria um conjunto funcional onde as instituições figuram como unidades dinâmicas dentro da cultura e do estudo das sociedades primitivas como entidades.

Podem-se ainda citar a teoria dos padrões de cultura de A. L. Kroeber e a da estrutura social da Radcliffe - Brown (*apud Cultura*, v.7, p.3110)

Todas essas teorias sobre a cultura se por um lado têm o mérito de procurar entender um fenômeno fundamental para o homem por outro, por não relacionarem cultura e valor, dificultam o entendimento da questão.

O termo "cultura", no entanto, por englobar fenômenos bastante distintos, permanece pouco claro sendo com frequência confundido tanto com educação como com instrução, designando tanto as manifestações da razão quanto as da sensibilidade que embora influenciando a sua produção não a explicam plenamente.

Ao que parece, se o que caracteriza a cultura é a ação modificando a natureza, é a interferência do homem transformando o que naturalmente lhe é oferecido, só pela relação com o valor, que é a marca do tipicamente humano, pode ela ser compreendida.

## As duas fontes da cultura

Numa tentativa de reflexão sobre o fenômeno da cultura percebe-se que como produto da ação humana pode ela provir basicamente de duas fontes que se entrelaçam e interagem dificultando o esforço de demarcação dos seus limites: de um lado, a cultura é produto do chamado "imaginário" e de outro é proveniente do conhecimento intelectual e da sensibilidade mediatizados pela ação da vontade. Essas, acreditamos, podem ser consideradas como as duas fontes da cultura.

A noção de "imaginário", extremamente rica e instigante, começa agora a ser mais trabalhada e utilizada.

Considera-se como imaginário o processo psíquico que leva o homem a interpretar a realidade ao conhecê-la, fazendo com que esse conhecimento seja sempre influenciado pelo modo de ver do sujeito que conhece. Na sua famosa obra *O imaginário* mostra Sartre (1986) que pode-se entender como imaginário a faculdade de produzir uma imagem ou de visar um objeto ausente mas existindo em outro lugar e como imaginário, a faculdade de deformar e de modificar o objeto conhecido.

O imaginário como distorção da realidade conhecida, pode ser considerado tanto como processo tanto como produto. É assim denominado enquanto fenômeno psíquico de interpretação do real conhecido e o é do mesmo modo enquanto produto desta interpretação. Como produto, o "imaginário" apresen-

ta-se como visão de mundo ou seja como interpretação dos diversos aspectos do cosmos ou como ideologia numa de suas acepções - a que a entende como a interpretação dos papéis e das relações sociais.

O imaginário radica-se no inconsciente, o que torna difícil ao homem dar-se conta das distorções do seu conhecimento e faz com que a produção cultural dele resultante seja espontânea e não proveniente de um ato propriamente voluntário.

Considera-se aqui como ato voluntário o que é proveniente da vontade livre do homem devidamente instruída pela sensibilidade e ou pela razão.

A interpretação imaginária promove o agir espontâneo do homem que é feito sem conhecimento de causa e sem a decisão propriamente dita. Reconhecem-se na cultura inúmeros elementos que se originam de modo espontâneo, sem que a ação resulte do chamado livre arbítrio do homem. Por exemplo, a linguagem e o folclore.

A apreensão do mundo e do outro, tanto enquanto indivíduo como enquanto sociedade, é sempre intencional sendo esta intencionalidade marcada pelo imaginário, que pode ser considerado como um dos fatores que a direcionam para determinados fins e para determinados objetos que se supõem representantes destes fins. O conhecimento é sempre constituído seletivamente e segundo os preconceitos produzidos pelo imaginário.

O homem ao conhecer não apenas reflete a realidade mas a organiza e constitui conferindo-lhe um sentido.

Pode-se admitir que o imaginário atue em duas instâncias: individual e coletiva. Como processo individual de conhecimento constituído pela própria subjetividade do sujeito, vai influir direcionando a apreensão tanto da idéia quanto do valor do objeto conhecido. O imaginário individual responderia pela inovação cultural por representar a nova leitura subjetiva que cada um faz da realidade.

O imaginário apresenta-se ainda como um processo coletivo de interpretação da realidade sendo então classificado como imaginário social. A sociedade enquanto tal também interpretaria a realidade produzindo uma cosmovisão e uma ideologia que caracterizariam as culturas. As peculiaridades de cada cultura seriam decorrentes desta interpretação social da realidade. Os preconceitos sociais como o racismo e o bairrismo seriam bons exemplos desta modalidade de manifestação do imaginário. A linguagem com as suas conotações ideológicas, as cantigas de roda, os ditos, as adivinhações, as credenças assim como toda a produção do folclore não têm autor determinado. Não resultam de nenhuma decisão nem de nenhuma ação propriamente livre.

O homem nasce não apenas no meio natural mas ainda e, especialmente, no meio cultural e recebe nos primeiros anos de sua vida, numa fase em que não tem ainda condições para uma avaliação e um juízo pessoal, uma série de in-

interpretações literalmente preconceituosas, provenientes do imaginário social, que aceita e adota como suas, reproduzindo assim a visão do mundo e a ideologia da cultura em que foi criado.

*Mostra Castoriadis (1975, p. 168)* que "a sociedade constitui cada vez sua ordem simbólica num sentido completamente diferente do que o indivíduo o pode fazer. Mas essa constituição não é 'livre', ela deve basear-se no que já existe". Isso vale tanto para o indivíduo como para a sociedade.

A instrução e a educação propiciam e possibilitam a crítica dessa bagagem passivamente recebida, embora, por sua vez, vá o indivíduo adulto fazer também suas próprias interpretações preconceituosas da realidade, que somadas às dos outros vão colaborar para o estabelecimento do novo imaginário social sempre dinâmico, sempre em evolução. Estabelece-se assim, por exemplo, o padrão ideal de beleza feminina: mais ou menos magra, queimada de sol ou não, loura ou morena, etc.

É difícil precisar em que medida libera-se o adulto das influências do imaginário da cultura em que foi criado. Acredita-se ser possível essa superação em diferentes níveis mas nunca plenamente. Por mais que o homem desenvolva sua racionalidade e sua liberdade psicológica, sempre, de certo modo, permanece o imaginário dos primeiros anos de sua vida.

Usando-se como exemplo os filhos de uma mesma família, bem cons-

tituída e estável, que tivessem recebido a mesma educação, a mesma visão cultural, constatar-se-ia haver entre eles uma grande concordância quanto à visão de mundo e à ideologia entendida como interpretação da vida social, ao mesmo tempo em que também ficaria evidente que, graças ao imaginário individual, cada um faria novas interpretações pessoais que garantiriam a própria independência e identidade.

Enquanto o imaginário individual tenta inovar, o social procura manter as interpretações estabelecidas justificando os conflitos culturais, os choques de gerações. O equilíbrio da cultura resulta desse jogo de forças entre a tradição e a inovação, entre as correntes reprodutoras e as criadoras dos produtos culturais.

A característica fundamental dessa fonte da cultura seria o preconceito. A interpretação imaginária não se fundamentando na conceituação racional, no juízo lógico, no raciocínio que leva ao conhecimento científico comprometido com a justificação do que afirma mas, ao contrário, partindo da interpretação livre e descompromissada seria sempre preconceituosa.

Pode-se considerar como a segunda fonte da cultura a produção que resulta do ato voluntário comandado pela razão e pela sensibilidade.

Embora sob a influência do imaginário, é possível ao homem um conhecimento intelectual caracterizado pela apreensão da idéia, pelo juízo e pelo raciocínio que dão origem à ciência.

cia e à tecnologia. É o conhecimento que responde pelos códigos, leis, pela produção técnica das diversas áreas da ciência etc. ..., da chamada por alguns de civilização.

Esse conhecimento científico e tecnológico mobiliza o agir humano tornando-se cultura. Ele não é apenas conhecimento intelectual mas constitui uma nova forma de valor e, assim, de cultura.

Na verdade, o conhecimento intelectual agregando um novo valor ao sujeito que conhece torna-o mais culto e, ao mobilizar a ação humana para a inserção de valor no concreto, no outro ou na natureza, promove a cultura.

Instrução seria o conhecimento do ser por meio da apreensão da idéia, e cultura seria o aumento do valor do sujeito que conhece, pelo fato de ter-se a ele agregado um novo valor. A cultura seria sempre caracterizada pela instauração do valor e não pelos conteúdos do conhecimento.

A vontade, no entanto, é mobilizada não apenas pela razão mas também pela sensibilidade. É pela sensibilidade que o homem apreende o valor do ser. A razão apreende a idéia mas não o valor do ente.

A sensibilidade apreende o valor e mobiliza a vontade para que por meio da ação livre do homem seja agregado um novo valor ao concreto e assim produzida a cultura. É o caso da obra de arte, do acolhimento afetivo, dos atos morais e re-

ligiosos. São expressões culturais já que produzidas pela vontade livre do homem mobilizada pela sua sensibilidade.

A vontade é então levada à ação tanto pela razão quanto pela sensibilidade produzindo assim a cultura.

É importante ressaltar, porém, que tanto o conhecimento intelectual da idéia do ente quanto o do seu valor, próprio da sensibilidade, sofrem a influência do imaginário como conhecimento preconceitual proveniente dos primórdios da vida social de cada um.

Cabe, ao que parece, insistir na distinção entre o agir espontâneo e descompromissado, comandado pelo imaginário, e a ação livre do homem, própria do que se chama comumente de vontade. Embora seja difícil precisar os limites entre os dois tipos de produção cultural, apesar de o imaginário seja como processo, seja como produto, interferir nos mecanismos psíquicos da sensibilidade e da razão, percebe-se que são modalidades diversas de produção cultural.

A cultura é, pois, proveniente de duas fontes que mobilizam o ser humano levando-o a inserir valor em si mesmo, no outro e na natureza humanizando-a: o imaginário e a vontade livre expressando idéias, juízos, raciocínios e valores.

## O novo conceito de cultura

Resta ainda, nesta reflexão sobre a cultura, insistir na necessidade de uma reavaliação do seu conceito para

que se perceba a evolução que vem sofrendo e a nova definição que cada vez mais vem-se delineando nos dias atuais.

Admitindo ser a cultura o resultado da instauração do valor na natureza, como quer a axiologia contemporânea, chega-se a um novo referencial externamente fértil que permite não somente avaliações da vida cultural do homem no passado e no presente, mas permite ainda o estabelecimento de propostas e objetivos para o futuro. Não um referencial a partir de uma visão religiosa ou filosófica determinada, não um referencial a partir da eleição de um tempo ou um lugar considerados perfeitos e modelos para as outras manifestações culturais, mas um referencial fundado no próprio homem enquanto pessoa.

Sendo o "valor" aquilo que de algum modo vale para o homem, a cultura vai valer e valer mais na medida em que expressar valor instaurado, em que mostrar a ação do homem na natureza pela inserção de valor e não de contravalor para si mesmo.

Num primeiro momento esta afirmação parece levar a um impasse só explicável pelo relativismo historicista. Sendo o homem um ser histórico e vivendo situações existenciais bastante distintas, o que fosse bom para um não o seria para o outro, o que satisfizesse os anseios de uns desagradaria a outros e assim por diante, ficando invalidada a noção de valor.

Por outro lado, percebe-se que, comumente, conceituações de cultura não

a relacionam com a noção de valor, admitindo como cultura toda e qualquer produção humana: da maconha ou a do trigo, a da bomba atômica ou a do automóvel, a lei que admite a escravidão ou a que proíbe.

Não se pode confundir valorização e valor. *Fronzizi (1986, p. 28)* ensina com muita clareza: "É certo que a valorização é subjetiva; é todavia indispensável distinguir-se valorização de valor. O valor é anterior à valorização. Confundir valorização e valor é como confundir percepção e objeto percebido. A percepção não cria o objeto mas o percebe. Acontece o mesmo com a valorização. Subjetivo é o processo de percepção do valor."

A aparente discordância das avaliações refere-se não propriamente aos valores mas ao seu escalonamento e aos bens que os portam.

O homem se conhece antes mesmo de ter sobre si mesmo uma conceituação. Antes de definir-se, antes de identificar-se como uma idéia, conhece-se a si mesmo como um ser incompleto, como um ser carente necessitando de algo que o complete, que preencha o que lhe falta. Esse algo é exatamente o valor.

Falta ao homem o valor. É ele um ser que necessita valer mais, valer enquanto pessoa. Sendo a pessoa o animal racional, psicologicamente livre e dotado de sensibilidade, os primeiros e fundamentais valores de que necessita dizem respeito a essas características. A

saúde, a verdade, o bem moral, a beleza, o afeto, o amor etc. ... Cada vez que o indivíduo instaura em si mesmo ou no próximo esses valores básicos, sente-se por assim dizer, mais valioso. Sente, um aumento de valor que o faz tornar-se pessoa e ajudar o seu semelhante a chegar a esta meta. O homem instaura valores e em si mesmo, fazendo-se mais aculturado e fora de si, construindo a cultura.

Além de pessoa é o homem uma personalidade singular e única, com características individualizantes provenientes de um código genético, de fatores ambientais e históricos que a tornam diferente de todas as demais, com necessidades e anseios peculiares que também devem ser preenchidos com os valores a elas correspondentes.

A hierarquização dos valores vai seguir esse critério: em primeiro lugar os valores que correspondem às carências do homem enquanto pessoa, que são os valores que vão corresponder às suas carências mais fundamentais. Em segundo lugar e com escalonamento diferente para cada um, os que vão satisfazer as necessidades próprias e especiais das diferentes personalidades.

O homem não instaura o valor apenas em si mesmo mas o faz também fora si, o que seria considerado como cultura. Os entes em geral, ao levarem em si um valor, tornam-se para o homem valiosos, "bens de valor". As normas jurídicas, as leis de trânsito, os regulamentos etc. ... são produções culturais por expressarem juízos de valor feitos em

função dos valores do respeito, da justiça e da liberdade.

A cultura como resultado da ação humana não pode então ser considerada como autônoma e dele independente. Ela vai caracterizar-se não pelo suporte do valor, pelos entes, mas pelo seu significado, ou seja, pela relação que guarda com o que vale para o homem seja enquanto pessoa seja enquanto personalidade.

Voltando-se ao que foi aqui considerado como fontes da cultura, o imaginário e a ação voluntária comandada pela razão e pela sensibilidade, percebe-se que podem elas produzir cultura ou não.

Ter-se-á a produção cultural tanto por uma via quanto pela outra quando for inserido algum valor para o homem, mas não se chegará à cultura quando, ao contrário, for agregado ao ente um contravalor. Haveria, portanto, um modo próprio e adequado de agir para o homem que o levaria à constituição da cultura.

Embora, num primeiro momento, esta posição possa parecer autoritária, elitista e excludente, a observação da história da humanidade mostra ser a única possível.

A idéia de cultura apresenta-se como o conjunto de fatores que caracteriza um povo, como a marca da sua unidade, como o elo que une os membros de uma comunidade, como algo



que deve por isso ser transmitido às novas gerações.

No entanto, observando-se especialmente a cultura proveniente do imaginário, percebem-se com frequência conteúdos absolutamente impróprios para o desenvolvimento da humanidade. Afirmções injustificáveis e injustas como, por exemplo: "Todo habitante de tal lugar é trabalhador e deste outro é indolente"; racismo, a interpretação imaginária das raças humanas, "machismo", a interpretação imaginária do papel do homem e da mulher; tradições de crueldade como festas em torno do sacrifício de animais, costumes predatórios e violentos etc. ..., que são expressões de interpretações imaginárias e fazem parte da vida social como produções do imaginário social, sendo considerados como elementos da "cultura".

Também a produção cultural proveniente da ação livre da vontade, como sistemas de leis, artefatos bélicos e de dominação, da escravidão, práticas médicas, técnicas agrícolas e industriais etc. ... produtos culturais da razão humana, mostraram-se completamente inadequados ao seu desenvolvimento por não portarem valores que correspondessem às suas necessidades reais nem enquanto pessoas nem enquanto personalidades.

As críticas, as reformulações constantes, as constatações de erros só são possíveis por ter-se como referencial o "dever-ser" do homem. As suas reais necessidades e o valor que as podem satisfazer.

Estabelece-se assim um referencial para a avaliação da cultura que não é arbitrário nem autoritário.

Sendo o homem um ser carente tanto enquanto pessoa como enquanto personalidade, cultura será a instauração do valor no próprio homem e no mundo que o pode plenificar e não do contravalor, que o vai prejudicar e destruir.

Pode-se denominar contravalor, desvalor ou valor negativo aquilo que é pernicioso, que faz mal ao homem não satisfazendo às suas necessidades.

A liberdade humana não deve nunca ser entendida como indeterminação no agir. Não pode o homem agir de qualquer modo, não pode por sua ação instaurar em si mesmo, no seu próximo ou na natureza o contravalor que prejudica, que destrói, que mata. Ao contrário, ele "deve" instaurar o valor.

O mundo da cultura seria então constituído pelos objetos enquanto "devem ser", ou seja, seria o mundo dos valores instaurados pelo homem de modo a levá-lo à realização dos fins que lhe são próprios.

Embora seja difícil para o homem distinguir, nos entes, o valor do contravalor, apesar de muitas vezes ele se enganar e tomar o contravalor pelo valor, a cultura só ocorre quando é instaurado o valor.

Há, portanto, um modo "próprio e adequado" de agir para o homem, que

o leva a construir a cultura: a instauração do valor. A cultura vai caracterizar-se não pelo suporte do valor, pelos entes, pelos objetos, mas pelo significado que possuem, ou seja, pela relação que guardam com o "dever-ser" do homem e, por conseqüência, com o valor.

Este seria o papel da educação: levar o homem a reconhecer o valor e a hierarquizá-lo de modo próprio e adequado à sua realização enquanto pessoa e enquanto personalidade.

## Conclusão

Considera-se então como cultura o desenvolvimento do próprio físico por meio de exercícios que lhe agreguem os valores da força, da rapidez, da agilidade. Tem-se a voz cultivada ou mesmo o aprimoramento da sensibilidade e da razão que modificam o ser do homem. Cultura seria não o sentimento ou a razão na sua busca do valor e da verdade mas a mudança que ocorre no homem pelo desenvolvimento sistemático da sensibilidade que o transforma num apreciador da arte ou até num artista, a procura da verdade que faz o intelectual ou mesmo o exercício da virtude do qual resulta o "homem de bem" ou mesmo "o santo". O que caracteriza o processo da cultura é a modificação do sujeito pela incorporação de um novo valor que o faz melhor sob um determinado ponto de vista.

Toda produção humana, em qualquer área que se dê, seja no campo da ciência, seja no das relações humanas,

na arte, na formulação dos códigos e mesmo da técnica, parte sempre de uma opção valorativa que deve satisfazer tanto a pessoa quanto a personalidade.

Havendo um modo ideal de realização tanto para a pessoa quanto para a personalidade, a ação do homem deve ser feita de acordo com ele. Só assim será uma ação produtora de cultura.

A liberdade de ação pode ser entendida como possibilidade de escolha e de hierarquização de valores, mas nunca como licença para a implantação de contravalores, nunca como indeterminação.

Admitindo-se que a visão de mundo e a visão do outro propiciadas pela interpretação do imaginário vão influir no agir do homem, nas suas opções de pesquisa, no direcionamento de qualquer trabalho, no ato de legislar e de julgar, devem elas ser analisadas criticamente para que seja evitada a interferência negativa. Ao mesmo tempo, há que considerar-se a interação entre a sensibilidade que permite a apreensão dos valores, a razão que leva ao conhecimento da idéia e a vontade que conduz à ação. É a interação que existe entre a educação, a instrução e a cultura.

A cultura pode ainda ser entendida no seu aspecto dinâmico, como processo, como algo em permanente "devir", em mutação constante, ou no estático, como demonstração de um corte feito no tempo e no espaço para ser especialmente focalizada.

Embora se possa constatar entre os povos diferentes maneiras de organização social, inúmeros modelos de escalonamento de valores, de usos e costumes, permanece uma grande uniformidade no que diz respeito às exigências fundamentais da pessoa humana. São sempre aceitos os valores saúde, verdade, beleza, justiça, amor, por exemplo.

Apesar do condicionamento histórico-social que envolve o homem fica difícil explicar o fenômeno da cultura por um relativismo historicista. Torna-se necessário ultrapassar esta forma a avaliação para que seja atingida a dimensão ética.

Essas considerações conduzem naturalmente à questão do progresso das culturas. Seriam umas mais adiantadas, "melhores" do que outras? Seria admissível falar-se em progresso ou retrocesso de uma cultura? Negam essa possibilidade os que não reconhecem nenhum referencial que possa servir como instrumento de medida. Evidentemente só é possível falar em progresso, em desenvolvimento, em adiantamento em relação a um fim preestabelecido. Para as concepções historicistas-relativistas cada manifestação cultural deve ser analisada de per si, independentemente das outras e dos princípios éticos. Os traços e os padrões culturais manifestariam modos de ser, visões de mundo com características próprias e peculiares que não admitiriam julgamentos morais.

Embora a História, como ciência

social e não normativa exija que se compreendam os valores de cada época, estabelecido o referencial é possível a avaliação do progresso de uma cultura. Pode ser ele o domínio da natureza pelo avanço da ciência e da tecnologia. Pode ser ainda o grau de riqueza do povo que o constitui, seja considerando-se a riqueza do estado ou a do povo em geral - a renda *per capita*. A distribuição de renda, a qualidade de vida ou o respeito ao ecossistema podem também ser tomados como índices para a avaliação.

Segundo a visão da axiologia contemporânea, o progresso de uma cultura vai depender do grau de instauração dos valores correspondentes às necessidades do homem enquanto pessoa em primeiro lugar e enquanto personalidade secundariamente.

Admitindo-se como cultura não qualquer produção humana mas apenas aquela que introduz o valor no mundo, no outro e nele próprio fica-se num impasse quanto à denominação a ser dada ao fenômeno da instauração do contravalor. Que nome dar à ação predatória, à desvalorização, à destruição, ao não reconhecimento da dignidade humana? Como classificar o nocivo, o prejudicial, o pernicioso ao homem? fenômeno cultural?

O termo "contracultura" tem já um significado determinado, designando um certo tipo de cultura. Faz-se então necessário o aparecimento de um novo termo que expresse a instauração do contravalor que seria a antítese da cultura.

Certo é que, cada vez de modo mais premente, sente-se a necessidade de delimitar, de definir, de precisar o conceito de cultura para que

sejam estabelecidos referenciais que realmente promovam o aprimoramento da vida individual e social da humanidade.

## ABSTRACT

The article suggests a reflexion about the concept of culture. Culture is conceptualised as the product of the insertion of value un nature by human action and it considers it coming from two sources: the imaginary which would would take it to the spontaneous act and independent of reason and the intelligence and sinitivity which would mobilise man's free will. It analysis, at first, the role of the imaginary in the cultural production and, next, the one which results from the voluntary act. It then starts to reflect upon the concept of culture, showing that the latter can only be considered as such when it is added to nature, a value, rather than a countervalue, trying to establish a criteria for the evaluation of the progress of culture. The article comes to na end concluding that there is a need for the redefinition of the concept of culture.

**Keywords:** Culture – Value – Human action – Imaginary – Voluntary act – Redefinition.

## RESUMEN

El artículo propone una reflexión sobre el concepto de cultura. Se conceptúa cultura como el producto de la instauración de valor en la naturaleza por la acción humana y la considera originária de dos fuentes: el imaginario que llevaría a actuar espontáneamente y sin compromiso con la razón y la inteligencia y la sensibilidad que movilizarían la voluntad libre del hombre. Analiza de inicio, el papel de lo imaginario en la producción cultural y en seguida, la que resulta del acto voluntario. Es entonces cuando se pasa a reflexionar sobre el concepto de cultura mostrando que esta sólo puede ser considerada como tal cuando fuese añadido a la naturaleza un valor y no un contravalor, procurando establecer un criterio para la evaluación del progreso de la cultura. Finaliza constatando la necesidad de la redefinición del concepto de cultura.

**Palabras-Clave:** Cultura – Valor – Acción humana – Imaginario – Voluntad – Redefinición.

## Referências Bibliográficas:

- CASTORIADIS, C. *L'institution imaginaire de la société*. 4e.ed. rev. Paris: Seuil, 1975. 503p. (Esprit)
- CULTURA. In: ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1975. v.7. p. 3107-10.
- FRONDIZI, R. *¿Que son los valores?: introduccion a la axiologia*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1986. 236p. (Breviarios del Fondo de Cultura Economica; 135)
- GOLBRY, Y. *De la valeur louvain*. Paris: Vander/ Vauvelerts, 1975.
- LALOUP, J., NELIS, J. *Cultura e civilização: iniciação ao humanismo histórico*. Tradução por Sabino Ferreira Affonso. São Paulo: Herder, 1966. 239p. (Coleção cairoscopio) (Dimensão do humanismo contemporâneo; 3) Tradução de: Culture e civilization, initiation a l'humanisme historique)
- LAVELLE, L. *Traité des valeurs*. Paris: Press Universitaires de France, 1950. v.I e II. (Logos: Introduction aux études philosophiques)
- MALINOVOSKI, B. *Uma teoria científica da cultura*. Tradução por José Auto. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 206p. (Biblioteca de Ciências Sociais) Tradução de: A scientific theory of culture and other essays.
- REALE, M. *Filosofia do Direito*. 7.ed. rev. São Paulo: Saraiva, 1975. 2v. (xxvii, 654p.)
- \_\_\_\_\_. *Paradigma da cultura contemporânea*. São Paulo: Saraiva, 1996. 143p.
- SARTRE, J-P. *L'imaginaire: psychologie phénoménologique de l'imagination*. Paris: Gallimard, c1986. 379p. (Folio/Essais; 47)
- SCHELER, M. *Le formalisme en éthique et l'éthique matérielle des valeurs: essai nouveau pour fonder un personnalisme éthique*. Tradução por Maurice de Gandillac. 2e.ed. Paris: Gallimard, 1955. 640p. (Bibliothèque de philosophie) Tradução de: Der Formalismus in der Ethik.
- SANCHES VASQUEZ, A. *Ética*. 13.ed. Tradução por João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.